

MONTEIRO LOBATO FICIONISTA

MONTEIRO LOBATO AS A WRITER OF FICTION

¹ SANTOS, L. M.; ² BERTOLUCCI, D. M. P.

Faculdade de Letras/ FIO/ FEMM

RESUMO

O artigo apresenta um resumo da trajetória de Monteiro Lobato como autor de contos e de romance na vertente denominado pelo próprio escritor de Literatura Geral, e destaca fatos envolvendo a publicação do livro *Urupês* (1918).

Ressalta que Lobato é mais conhecido atualmente como autor de literatura infantil voltada para criança. Apesar disso, o autor tem uma produção significativa direcionada para o público adulto que precisa ser resgatada. A intenção é mostrar a construção literária da perversão e da maldade em contos da obra.

O propósito da comunicação é compor um painel da trajetória de Lobato como ficcionista, ou seja, autor de contos e até de romance antes de consagrar-se como escritor infantil e nessa trajetória, destacam-se os fatos envolvendo a publicação de *Urupês*.

A importância da ficção de Lobato é reforçar a necessidade de retornar a Literatura Geral.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, contos, *Urupês*.

ABSTRACT

The aim of this article is to present the track of Monteiro Lobato as an author of short stories and a novel in his work, for himself classified as General Literature. It highlights facts related to the releasing of his book *Urupês* (1918).

Lobato is clear that more known today as author of children's literature aimed at childish. Despite that, the outor has a significant production targeted to the adult audiences that needs regatta. A intention is to show the construction of literary perversion and evil in stories of obra. O purpose communication is compose a panel of the trajectory of Lobato as ficcionista, or author of tales of romance and even before devoting himself as writer and child in this trajectory, are the facts surrounding the publication of *Urupês*.

The importance of fiction, Lobato pe reinforce the need to resume the General Literature.

Keywords: Monteiro Lobato, short stories, *Urupês*

INTRODUÇÃO

O escritor Monteiro Lobato é mais conhecido atualmente como autor de literatura infantil, mais exatamente como o criador da literatura brasileira voltada para a criança. Uma confirmação dessa notoriedade é o resultado da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, do Instituto Pró-livro, divulgada em maio deste ano, pelo jornal *Folha de S. Paulo*. De acordo com tal pesquisa, a obra infantil de Lobato é a segunda mais lida, vindo depois da leitura da Bíblia. A lista dos escritores brasileiros mais lidos inclui ainda, pela ordem, Paulo Coelho, Jorge Amado e Machado de Assis.

A lembrança dos leitores é, pois, da obra infantil, mas o escritor tem uma produção significativa direcionada para o público adulto que está presentemente um tanto esquecida e merece ser resgatada. Nossa pesquisa para o trabalho de conclusão do curso de Letras aborda exatamente essa criação lobatiana, pois considera o livro de contos *Urupês*, de 1918. Nosso propósito é mostrar a construção literária da perversão e da maldade em narrativas da referida obra.

Como nossa pesquisa encontra-se em andamento, ainda há dados a levantar sobre aqueles aspectos literários, de modo que nossa intenção, neste texto, é compor um breve apanhado da trajetória de Monteiro Lobato como ficcionista, ou seja, como autor de contos e até de romance, na organização nomeada por ele próprio de Literatura Geral. Nessa trajetória, destacaremos alguns fatos envolvendo a publicação de *Urupês*.

DESENVOLVIMENTO

Monteiro Lobato manteve uma correspondência de muitos anos com o amigo e também escritor Godofredo Rangel. As cartas que trocaram foram recolhidas por Edgard Cavalheiro, no livro *A Barca de Gleyre*, e em seus textos o autor de Taubaté expõe suas intenções como autor de ficção. Ele declara seu gosto por Maupassant, Kipling e seu desejo de escrever como eles. Diz que pretendia obter narrativas concentradas, com drama, com perspectivas.

Enquanto se corresponde com Rangel, Lobato escreve para periódicos da época, como *O Estado de S. Paulo*, *Tribuna de Santos*, *Fon-Fon*. Colabora com artigos e traduções. Quando recebe uma fazenda como herança de seu avô, o Visconde de Tremembé, o escritor entra em contato com a vida das pessoas simples do meio rural paulista e com isso nasce a idéia de criar textos regionalistas.

Pensa, primeiramente, em escrever um romance sobre o caboclo, depois, uma série de contos, mas o que acaba tendo repercussão é seu artigo sobre os problemas causados pelas queimadas dos campos durante o verão, intitulado “Velha praga”, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*. Neste artigo, Lobato inicia seus ataques ao caboclo.

Com o sucesso obtido com esse texto, o escritor passa a ir mais vezes a São Paulo, ganha muitos admiradores, e aumenta sua colaboração em periódicos do momento, como a *Revista do Brasil*. Ele passa de colaborador de prestígio da

revista a seu proprietário, pois a adquire com a venda de sua fazenda, em 1917. Nesse mesmo ano, Lobato publica o livro *O Saci-Pererê* e as vendas do livro são muito boas. Isso o incentiva a pensar em ser editor para publicar, por exemplo, os contos com motivos caipiras de Valdomiro Silveira.

Decide publicar seus próprios contos, porque já possui escritos em número suficiente para divulgar. Pensa inicialmente em dar a seu livro o título *Dez mortes trágicas*. Artur Neiva o convence a desistir dessa idéia e a adotar outro, *Urupês*, título de um artigo que apresentava, de certo modo, explicações sobre a realização dos contos. No artigo, Lobato continua sendo muito duro com o caboclo. Nesse contexto, surge a figura de Jeca Tatu, “simbolizando o atraso, a inércia, o parasitismo do homem pobre da zona rural brasileira.” (BERTOLUCCI, 2005).

Monteiro Lobato acata a sugestão de Neiva e *Urupês* chega às livrarias de São Paulo em 1918, não com dez, mas doze narrativas. Como aponta Denise Maria de Paiva Bertolucci, nove textos do livro – Os faroleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, Pollice verso, O mata-pau, Bocatorta, O comprador de fazendas, O estigma – já tinham sido divulgados originalmente na *Revista do Brasil*, entre os anos de 1916 a 1918. Somam-se a esses, no livro, os contos Um suplício moderno, O meu conto de Maupassant, e Bucólica.

Ainda que o escritor tenha publicado contos que já tinham circulado na revista, é importante dizer que houve um intenso trabalho de preparação dessas narrativas para a publicação em livro. A estudiosa citada acima afirma:

Deve-se, portanto, avaliar a coletânea de contos *Urupês* como uma obra diferente daquela publicada na revista, embora a base seja a mesma. O volume é meticulosamente concebido para a publicação, e incontáveis aspectos são considerados para a estréia do ficcionista Lobato: a seleção cuidadosa das narrativas; a titulação por vezes alterada (...) tanto do próprio volume como de algumas histórias; a inclusão de contos novos e de artigos-programa; a reescrita dos textos; a incorporação das ilustrações do próprio escritor. Estas foram retiradas das edições posteriores por decisão de Lobato, mas podem ser observadas na reprodução desse material constante da edição de *Urupês* de 1957. Todos esses aspectos, particularmente o que se refere à reformulação das produções, distinguem consideravelmente a recepção dos contos do volume daquela feita na revista. (BERTOLUCCI, 2005, p.62)

O sucesso que Lobato obtém com *Urupês* é imenso, por vários motivos. Em primeiro lugar, porque não havia muitas contribuições em prosa de valor naquele momento. Existiam poucos ficcionistas produzindo. Edgard Cavalheiro diz que os

leitores, naqueles anos, viviam mais de releituras dos mestres do passado: Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Raul Pompéia. Lúcia Miguel-Pereira declara em *Prosa de ficção: de 1870 a 1920* que muitos ficcionistas da época do surgimento de *Urupês* produziam uma literatura “desencarnada”, que visava à estética e não à criação, pois não havia nessa obra quase nenhuma preocupação em empreender inovações em seus escritos. Denise Bertolucci, a esse respeito, informa:

Compreende-se, portanto, o que um livro de contos como os de Lobato significa num meio como o da época. O autor tem muito claro um projeto como contista, o que suas cartas ao amigo Godofredo Rangel provam nitidamente, e isso terá repercussão até nos próprios padrões de leitura em vigor no contexto em que publica seu livro. Os leitores das produções em prosa do momento, marcadas pelo diletantismo, pelas veleidades, e pelos temas etéreos de seus autores, vêem surgir uma narrativa diferente, vigorosa, objetiva em Lobato, e são conquistados. Esses atributos, ainda, empolgam os leitores de outros gêneros, como a poesia e o ensaio, particularmente apreciados no período, sendo, portanto, o escritor um dos responsáveis pela aceitação que a forma literária conto tem até hoje. (2005, p. 64)

Outra razão para o sucesso de *Urupês* é, sem dúvida, a que se relaciona com suas qualidades literárias.

De modo geral, o reconhecimento das qualidades da escrita literária trazidas pelo livro *Urupês* vinculam-se à constatação dos seguintes aspectos: aproveitamento da linguagem cotidiana, coloquial, livre dos atavios comuns na prosa do período; habilidade na composição de personagens marcadas por determinado traço, ângulo; domínio do conto no sentido clássico (...), com a concentração e a síntese exigidas pela forma literária cultivada; e o talento para a descrição da cena evocada, permitindo que o leitor a visualize. Essa capacidade, como é sabido, relaciona-se ao fato de Lobato também ser pintor, e alcançar, como ele mesmo declara numa carta a Rangel, um efeito de pintura com palavras. (BERTOLUCCI, 2005, p. 65-66)

Há, ainda, um outro motivo para o êxito do livro de Lobato. *Urupês* marca o esforço do escritor como editor de seus próprios livros e de outros autores. Recuperando outros momentos importantes da trajetória de Monteiro Lobato como ficcionista, devemos citar os anos de 1919 e 1920, respectivamente as datas de publicação de outros dois livros significativos de contos: *Cidades mortas* e *Negrinha*. Ele ainda produz ficção nos volumes *O macaco que se fez homem* e *O presidente negro*. O primeiro, de 1923, é uma coletânea de contos. O segundo, um romance escrito quando o escritor fixa residência no Rio de Janeiro, é publicado em 1926 e

guarda algumas curiosidades: é o único romance que Lobato escreveu, é uma história no estilo futurista de H. G. Wells, como o próprio Lobato reconhece numa carta a Godofredo Rangel, redigida em julho de 1926, e foi elaborado num período de apenas vinte dias, como o escritor também revela em carta.

Como último fato neste apanhado sucinto da trajetória de Monteiro Lobato como autor de ficção, merece ser lembrada sua participação no comício contra a cassação dos mandatos de políticos comunistas, ocorrido no Vale do Anhangabaú, na cidade de São Paulo, em junho de 1947. Como Denise Bertolucci destaca, o protesto de Lobato contra essa situação é feito na forma de uma parábola, A parábola do Rei Vesgo, escrita por ele especialmente para o comício e lida à multidão que se concentrava no local. O texto trata de “certo rei do Oriente” que, movido pelo desejo incontrolável de “dominar a paisagem”, decide arrasar um morro que lhe estraga a vista do palácio. Assim explica o autor o significado de sua parábola aos ouvintes, quando a conclui:

Este comício tem essa significação. É um protesto do povo contra as primeiras carroçadas de terra que o nosso Rei, sob o pretexto de arrancar o cragatá espinhento do Comunismo, tirou do nosso Morro da Democracia. Cesteiro que faz um cesto faz cem. Quem tira uma carroçada de terra, tira mil. Se não reagirmos energicamente, um dia estaremos privados do nosso morro e com um terrível soba dominando toda a planície. (LOBATO, 1957, p. 315).

CONCLUSÃO

Aqueles momentos eram difíceis, e, mesmo assim, Lobato recorre à ficção. Bertolucci diz: “O fato de recorrer a esse tipo de texto, num momento delicado como o que o país atravessa naquele momento [sob o domínio do general Dutra], confirma mais uma vez o gosto pelo ato de contar histórias e, acima de tudo, a crença no seu poder de emancipação” (2005, p. 69). Por isso, é importantíssimo que conheçamos sua ficção, e *Urupês*, a obra sobre a qual nos debruçamos, é o primeiro passo para nossa libertação como leitores e, antes de tudo, como apreciadores da ficção lobatiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTOLUCCI, D. M. P. *A composição do livro **Reinações de Narizinho**, de Monteiro Lobato: consciência de construção literária e aprimoramento da linguagem narrativa*, 2005. 2 v., 594 p. Tese (Doutorado em Letras) UNESP. Assis.
- CAVALHEIRO, E. Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro. Prefácio de *Urupês*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957 (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- LOBATO, J. B. M. *A barca de Gleyre* (1º e 2º tomos). 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Conferências, artigos e crônicas*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Urupês*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.